



A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA BASEADA NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Fabiana Gonçalves de Lima
Universidade Federal da Paraíba
fabianalima1304@gmail.com

INTRODUÇÃO

A realidade do ensino de língua portuguesa nas escolas públicas é um fato digno de preocupação. A cada dia os alunos parecem menos interessados nas aulas de língua materna, isso ocorre na maioria das vezes pela dificuldade que os alunos possuem em compreender a gramática tradicional, já que esta não está inserida no cotidiano dos nossos alunos das camadas menos favorecidas. De acordo com a Sociolinguística, precisamos aproximar o ensino à realidade desses alunos, só dessa forma ele conseguirá assimilar as informações recebidas e desenvolver seu conhecimento, bem como o interesse pela sua língua mãe.

Sabemos que o ensino de língua materna se faz inteiramente importante para o desenvolvimento de nossos alunos, enquanto falantes, porém é preciso compreender que as aulas de língua portuguesa não se embasam somente no ensino de gramática normativa, como muitos pensam. As aulas de língua portuguesa devem ter como prioridade além de formar bons falantes, formar alunos que desenvolvam sua capacidade de interação social e sua capacidade de se expressar nas mais variadas situações comunicativas, isso é algo que o ensino-estudo da gramática normativa por si só não é capaz de contemplar.

Uma maneira de resgatar os nossos alunos, seria tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas, mais práticas, adaptando-as assim a realidade dos alunos. Para isso, devemos quebrar estigmas e transformar as aulas de língua num espaço para a discussão das variações que a língua oferece. Desta forma,



acreditamos ser de suma importância inserir a teoria da Sociolinguística nas aulas de língua materna.

A partir dessas premissas, este trabalho consiste em analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais a fim de perceber o que eles nos orientam em relação à variação linguística, corrente de estudo da Sociolinguística.

DA IMPORTÂNCIA DE SE DISCUTIR COM O ALUNADO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O aluno de escola pública sofre inúmeros tipos de preconceito, seja ele social, racial, material... Mas há um preconceito em especial que o aluno sofre e que lida diretamente com sua capacidade de aprendizagem: o preconceito linguístico. O aluno ao sofrer esta espécie de preconceito, também acaba transmitindo aos demais colegas e pessoas da sua comunidade.

É difícil para o aluno entender por si só que há variedades relacionadas à fala e que não devemos discriminar uma pessoa só pelo simples fato dela falar diferente. Os PCNs dizem que o ensino além de preparar o aluno para o mercado de trabalho deve também servir para que se desenvolva no discente capacidades comunicativas, interacionais, críticas e reflexivas. Uma vez que:

a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1997a, p. 22)

Desta forma, abordar somente uma variedade da língua nas aulas de português não é uma boa alternativa para que se consiga os objetivos de se ensinar a disciplina, uma vez que o ensino de língua pautado na gramática normativa privilegia somente uma variedade: a norma culta. Considerando que os PCNs defendem que:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997a, p. 26)

É importante que o aluno perceba que a linguagem é heterogênea e que ela pode variar de acordo com as necessidades de comunicação. Considerando esse ponto de vista, os PCNs orientam que o ensino de língua abranja as seguintes competências:

- conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado;
- valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica;
- conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia. (BRASIL, 1997a, p.33)

Portanto, podemos perceber que as orientações destacam a importância de se conhecer as variações lingüísticas, bem como desfazer preconceitos desde o ensino básico. Os PCNs compreendem que a língua é heterogênea e enfatizam a ideia de que a escola deve preparar o alunado para as mais variadas situações comunicativas.

Agora, cabe ao professor de língua portuguesa desenvolver planos de aula que possibilitem ao aluno desfazer preconceitos referentes à linguagem, bem como

fazê-lo refletir sobre as variações, peculiaridades e diferenças que a linguagem nos fornece. É importante que o aluno compreenda que a língua é mutável e que é essencial respeitar essas diferenças.

Atividades puramente metalinguísticas não possibilitam que o aluno reflita sobre a língua e seu uso. Para que o aluno reflita sobre a língua, o professor deve realizar com ele atividades epilinguísticas, contextualizadas, que não usam o texto apenas como pretexto para se classificar as palavras. Vejamos o que os PCNs dizem em relação as atividades epilinguísticas :

Nas atividades epilinguísticas a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza. Um exemplo disso é quando, no meio de uma conversa um dos interlocutores pergunta ao outro “O que você quis dizer com isso?”, ou “Acho que essa palavra não é a mais adequada para dizer isso. Que tal...?”, ou ainda “Na falta de uma palavra melhor, então vai essa mesma”. Em se tratando do ensino de língua, à diferença das situações de interlocução naturais, faz-se necessário o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão sobre os recursos expressivos utilizados pelo produtor/autor do texto — quer esses recursos se refiram a aspectos gramaticais, quer a aspectos envolvidos na estruturação dos discursos —, sem que a preocupação seja a categorização, a classificação ou o levantamento de regularidades sobre essas questões. (BRASIL, 1997a, p. 30)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos PCNs podemos concluir que a realidade do português falado no Brasil apresenta uma variação, ou seja, embora a população brasileira fale um mesmo idioma, existem dialetos e formas de falar que se diferenciam quando comparadas. Essa variação ocorre principalmente devido às diferenças sociais.

Logo, podemos perceber uma diferença significativa quando comparamos a fala de cada classe. A linguagem popular é a que predomina, uma vez que as classes sociais menos favorecidas somam a maior parcela da população brasileira. E sabemos que os alunos de escolas públicas pertencem às classes menos favorecidas, por este motivo é de suma importância que as aulas de língua



portuguesa sejam embasadas na teoria da Sociolingística, a fim de que se dissolvam os preconceitos linguísticos e o ensino de língua portuguesa seja de fato eficiente, tornando este aluno num sujeito crítico e reflexivo, além de apto a se manifestar adequadamente nas mais variadas situações de comunicação.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Língua Materna*: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.), *Manual de Lingística*, 1 ed., 2 reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.